



CONSTRUÇÕES DE IDENTIDADE DE GÊNERO E DE SEXUALIDADE NO CONTO “A RESSURREIÇÃO DE JÚLIA”, DE LORELAY FOX

Warlei Fernando da Silva*¹(IC), Guilherme Figueira Borges¹ (PQ)

*warlei_zea@yahoo.com

Universidade Estadual de Goiás – Campus Morrinhos

Resumo: O conto a “A ressurreição de Julia”, escrito por Lorelay Fox, apresenta uma resignificação do conto “Branca de Neve”, apresentando sujeitos-personagens que são transexuais e/ou travestis. Este trabalho visa analisar a construção de gêneros e de sexualidade presentes neste conto, delimitando sentidos e procurando compreender discursos que constroem a noção de travesti na sociedade brasileira contemporânea. Para tanto, escrevemo-nos no campo da análise do discurso francesa, notadamente, nos trabalhos de Michel Foucault (1996, 2008, 2011). Neste trabalho, portanto, buscamos analisar as faces da travestilidade brasileira e as interpelações que delineiam as práticas corporais de Julia a partir de inscrições em espaços que remarcam exercícios de poder e práticas de resistência para ela enquanto sujeito.

Palavras-chave: Travestilidade. Sexualidade. Identidade de gênero. Construções de gênero e sexualidade. Análise do discurso.

Introdução

O conto a “A ressurreição de Julia” escrito por Lorelay Fox, traz uma releitura do conto “Branca de Neve” pois os sujeito-personagens principais ganham uma nova constituição, onde uma adolescente transexual em meio à cidade grande, afogada em um mundo transbordado de sentimentos e ansiedade, após permanecer por dias na rua, é acolhida por sete travestis. A obra em questão conta a história de uma jovem transexual que vive com sua madrasta. A menina, com 17 anos, sonha com uma cirurgia de redesignação sexual, e algumas semanas antes de seu aniversário de 18 anos recebe a notícia que ganharia da madrasta esta cirurgia como presente,



porém, isto é só parte de um plano de Lorena a madrastra, para se livrar de Júlia. O desenrolar da história não foge muito do enredo original.

Este trabalho visa analisar a construção de gêneros e de sexualidade presentes neste conto, delimitando sentidos e procurando compreender discursos que constroem a noção de travesti na sociedade brasileira contemporânea. Para tanto, escrevemo-nos no campo da análise do discurso francesa, notadamente, nos trabalhos de Michel Foucault (1996, 2008, 2011). Neste trabalho, portanto, buscamos analisar as faces da travestilidade brasileira e as interpelações que delineiam as práticas corporais de Julia a partir de inscrições em espaços que remarcam exercícios de poder e práticas de resistência para ela enquanto sujeito.

Resultados e Discussão

Após a análise do conto podemos perceber como os sujeitos, especialmente Júlia, são atravessados por discursos construídos socialmente. Ao tomar, para análise, enunciados como, por exemplo, os de Deise presente no conto, percebemos que Julia não se parece a ela, “– Gata, você não parece nada com a gente – Deise rompeu o silêncio. Era a mais nova e inconsequente, famosa por falar tudo o que pensava e vítima constante das broncas. Mas desta vez ela estava certa, Júlia não parecia em nada com as outras ali” (Over The Rainbow, 2016, p. 168).

Segue, abaixo, fragmentos analisados no decorrer da pesquisa.

Fragmento 1

Pessoas como ela não tinham local ou direito, não pertenciam à engrenagem social equilibrada – às vezes desigual, mas conectada. Para todos, Júlia deveria encontrar seu devido espaço, a invisibilidade que a rua traz, e, aos poucos, ela foi adquirindo esse formato abstrato e distante. (p. 168).

Fragmento 2

A vida noturna é cheia de mazelas e incertezas, ter o sustento fundamentado no próprio corpo é uma tarefa delicada e enlouquecedora, mexe com os mais íntimos sentimentos de autoestima e aceitação, eleva a insegurança e aflora neuroses com o espelho. (p. 185).

REALIZAÇÃO



**Fragmento 3**

Transformar o corpo em um corpo de mulher, fazer da carne escultura e vazão de seus sentimentos e sentidos, era uma tarefa árdua, dolorida e para a vida toda. Além do alto custo financeiro, de uma maré de emoções desregradas que se instalaria nelas e de ser um caminho sem volta.

Era como tomar a decisão perpétua de ser mãe da própria pessoa, realizar um parto de si mesmo, rompendo a crisálida do gênero ao qual foram incumbidas de representar, mas que não passava de casca inibidora das suas verdades.

Essa visão catastrófica e transgressora não era percebida por ninguém, mas era vivenciada no âmago de cada uma daquelas travestis, que, por cirurgias clandestinas, contrabando de farmácias e injeções perigosas, faziam o que era possível para, além de atrair mais olhares desejosos, materializar também a mulher que sempre foram. (p. 187).

O primeiro fragmento propicia uma reflexão acerca do porquê de Júlia não fazer parte desta engrenagem social, bem como o que é, e quem dita essa engrenagem. Bem, esta engrenagem nada mais é do que uma ordem discursiva responsável por impor padrões sociais aos sujeitos. O segundo fragmento faz uma ligação conveniente ao primeiro, onde é possível perceber o quanto o corpo da travesti é atravessado constantemente por discursos que delimitam seus contornos.

O fragmento 3 evidencia claramente as tecnologias da sexualidade as quais as travestis recorrem no processo de transição, onde na maioria das vezes por não terem condições financeiras, ou se encontrarem em situação de rua como Júlia, recorrem a procedimentos ilegais e tortuosos. Estas tecnologias sexuais são, por exemplo, a aplicação de silicone industrial/cirúrgico nos seios e nos quadris, a ingestão de hormônios com/sem acompanhamento médico.

A partir disso podemos notar que os sujeitos são diariamente atravessados por discursos construídos sócio e historicamente. Esses discursos emergem, nas práticas sociais, para construir/manter uma dada ordem discursiva que delimita um sistema de regras, padrões e obrigações para os sujeitos nas relações sociais. Esta ordem incide sobre os corpos dos sujeitos através de um desconcertante jogo



discursivo que, ao mesmo tempo em que constrói uma ilusão de que o sujeito é livre, aprisiona-o a um apertado sistema de proibições e interdições que delimita o que ele pode e deve fazer (Foucault, 1996).

Considerações Finais

Tivemos por objetivo, com esta pesquisa, analisar a construção de gênero e de sexualidade no conto delimitando sentidos para uma noção de “Travesti” na sociedade brasileira contemporânea por meio do conto “A ressurreição de Júlia”. A partir das análises apreendidas, podemos compreender melhor discursos que constroem a noção de travesti bem como a incidência dos mesmos nos corpos dos sujeitos. Por meio da análise do conto foi possível perceber que os sujeitos são atravessados diariamente por inúmeros discursos construídos sócio e historicamente, tomando como base a falas dos personagens presentes no conto, expressando que pessoas como a personagem principal não tinham local ou direito, não pertenciam à engrenagem social.

Agradecimentos

Agradecemos o Programa Institucional de Bolsas da Universidade Estadual de Goiás (UEG) pelo fomento à pesquisa.

Referências

- FOUCAULT, M. A Ordem do Discurso. São Paulo: Edições Loyola, 2000.
- NAVARRO, P. Estudos do Texto e do Discurso: mapeando conceitos e métodos. São Carlos: Editora Claraluz, 2006.
- FERNANDES, C. A. Análise do Discurso: reflexões introdutórias. Goiânia: Trilhas Urbanas, 2006.



V Congresso de Ensino,
Pesquisa e Extensão da UEG



MILANEZ, N. Corpo cheiroso, corpo gostoso: unidades corporais do sujeito no discurso. Maringá: Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, 2009.

REALIZAÇÃO

PRG
Pró-Reitoria de
Graduação

PRP
Pró-Reitoria de
Pesquisa e
Pós-Graduação

PRE
Pró-Reitoria de
Extensão, Cultura e
Assuntos Estudantis



**Universidade
Estadual de Goiás**